Divulgação

Um golpe na malária

Medicamento abre novo capítulo da luta contra a doença

Edmilson Silva

"Bomba azul". É assim que passou a ser chamada, pelos pacientes da região do Vale do Juruá, no Acre, estado em que foi utilizada experimentalmente, e com sucesso, a pílula contra a malária, recentemente lançada pelo consórcio Fiocruz e DNDi, sigla no inglês para Iniciativa Medicamentos para Doenças Negligenciadas. A cada ano, em todo o mundo, a malária adoece de 350 a 500 milhões de pessoas, provocando mais de 1 milhão de mortes, 5 mil delas no Brasil.

A história do uso desse epíteto, emprestado do mundo bélico ou da área do entretenimento, foi contada pelo diretor do Centro de Desenvolvimento de Tecnologia em Saúde (CDTS) da Fiocruz, Carlos Morel. Geralmente associado a coisas negativas, o termo bomba foi usado, não nega o sorriso de Morel, na sua melhor acepção, de bombar, de dar certo, trazer alívio aos pacientes, ou seja, de ficar tudo azul após o tratamento.

"Quando alguém se queixa a outrem quanto aos sintomas da malária, imediatamente há quem sugira a 'bomba azul', referindo-se ao novo medicamento, que associa o artesunato (AS) e a mefloquina (MQ). A recomendação é feita, porque já se sabe que o remédio acaba com o mal-estar provocado pela malária, evitando que a pessoa adoeça e morra", explica Morel, um dos articuladores do projeto FACT, sigla no inglês para Terapia Combinada em Dose Fixa à base de Artemisinina, e cujas atividades levaram ao ASMQ.

Graças ao ASMQ, os pacientes que contraírem malária poderão ficar curados mais rapidamente se a eles for administrado esse medicamento de primeira linha. Em lugar de ser obrigado a engolir até sete comprimidos e durante uma semana, pelos tratamentos convencionais, o doente terá que ingerir apenas duas pílulas e durante três dias. "Além da eficácia do medicamento, a redução do número de pílulas e da duração do tratamento representam um ganho significativo na adesão a ele", festeja o diretor do Instituto de Tecnologia em Fármacos (Farmanguinhos), Eduardo Costa.

"Este é o primeiro medicamento realmente inovador lançado por um laboratório público no Brasil contra a malária", afirma o coordenador técnico do projeto FACT, o farmacêutico Jorge Mendonça, um dos 15 profissionais dos 50 que estiveram mais diretamente envolvidos com o desenvolvimento da pílula, e que ele prefere chamar de "comprimido azul dos trópicos".

Antes de o ASMQ, os demais medicamentos inovadores feitos nos laboratórios da rede pública, inclusive Farmanguinhos, o eram por engenharia reversa, jargão que nomina o processo para cópia da fórmula criada por laboratórios particulares estrangeiros. Cópia feita, evidentemente, com respaldo da legislação brasileira.

Outro diferencial do ASMQ está no fato de ele ter uma formulação específica para crianças. Antes, era preciso partir ao meio o comprimido usado pelos adultos. Além disso, a formulação nova dispensa a necessidade de o medicamento ser guardado em geladeira.

Economia para o SUS e ação contra doença negligenciada

No caso do ASMQ, a inovação se dá pela associação de duas drogas, o artesunato e a mefloquina, em apenas uma pílula, conquista obtida pelos especialistas de Farmanguinhos. Esta associação é recomendação da Organização Mundial da Saúde (OMS), de modo a melhorar a eficácia do medicamento e evitar o desenvolvimento de resistência pelos microorganismos que provocam a malária, os plasmódios *falciparum* e *vivax*, à artemisinina, um dos mais eficazes fármacos utilizados contra a malária. No Brasil, a malária mais prevalente é a causada pelo plasmódio *falciparum*, enquanto na África e na Ásia o é pelo *vivax*.

Além de ter a eficácia comprovada no estudo com mais de 17 mil pacientes do Vale do Juruá onde houve redução dos casos de malária e do número de hospitalizações relacionadas à doença, o novo medicamento é também mais barato, o que vai resultar em economia, anual, de alguns milhões de reais ao SUS. Cada tratamento, custa exatos R$ 4,50.

Para o secretário nacional de Vigilância Sanitária do Ministério da Saúde, Gerson Penna, o novo antimalárico veio para agregar valor significante no tratamento desta doença. O uso do ASMQ no Acre, cita Penna, reduziu de 150 mil para 93 mil o número de casos da malária *falciparum* entre 2006 e 2007, e fez baixar de 9,5 mil para 6,3 mil o número de internações, no mesmo período.

O lançamento do ASMQ foi saudado pelo presidente da Fiocruz, Paulo Buss, como a primeira iniciativa de uma série de outras e que visam reduzir o déficit setorial brasileiro do mercado da saúde, avaliado em R$ 8 bilhões anuais, pelo ministro da Saúde, José Gomes Temporão. A intenção de Temporão é que Farmanguinhos e Biomanguinhos (instituto de produção de vacinas e *kits* para diagnóstico de

Divulgação

doenças) ajude o Brasil a reduzir, em pelo menos R$ 1 bilhão, nos próximos quatro anos, o valor do déficit total. "Com o medicamento recém-lançado contra a malária, a Fiocruz vai nos ajudar, e muito, a reduzir dos atuais 603 mil casos atuais para 360 mil, até 2011, os casos de malária, no Brasil", disse Temporão, em conferência em que apresentava, no final de maio, as metas do programa Mais Saúde aos pesquisadores do Instituto Oswaldo Cruz (IOC).

Além da conquista a ser obtida no plano econômico-setorial, o lançamento do ASMQ é motivo de alegria para os envolvidos com o projeto pelo fato de ser um medicamento eficaz contra a malária, doença negligenciada, o que significa um ganho de qualidade para a vida das pessoas que vivem na pobreza.

Outro ganho técnico-científico associado ao emprego do ASMQ, observa Morel, é o de que, somada à eficácia do novo remédio no tratamento das pessoas infectadas está a capacidade da associação da artesunato e da mefloquina em evitar que mosquitos livres do plasmódio se infectem e continuem a contaminar outras pessoas. "O remédio é barato, trata de maneira rápida e reduz a parasitemia", destaca Morel.

Pelo fato de a pílula acabar com o cansaço que costuma acompanhar os portadores que tiveram malária, cansaço que os incomoda em simples tarefas, tais como subir uma escada ou fazer um outro esforço qualquer, recuperando a qualidade de vida das pessoas, além de ter a mesma cor azul, o ASMQ tão cedo deixará de ser comparado à pílula comercial usada com sucesso contra disfunção erétil. Com quase nenhum efeito colateral, a pílula, ou, como preferem chamá-la os acreanos, "bomba azul", põe o paciente para cima. E o tratamento contra a malária no Brasil, na Ásia e na África também.

Criar medicamento inovador é tarefa muita complexa, mas que envolve emoção

O desenvolvimento de um novo medicamento é empreitada que envolve muita complexidade, dispendiosa, que requer anos e mais anos de trabalho, e pressupõe o convívio com incertezas, tentativas e erros. Em síntese, esse tipo de argumentação é ressaltada nas falas dos participantes do Projeto FACT, tais como das dos diretores do CDTS, Carlos Morel, e de Farmanguinhos, Eduardo Costa. "Algumas pessoas acham que é muito fácil desenvolver um novo medicamento, mas não é bem assim não, é bem mais complicado do que parece ser", diz Morel. Complicação que Costa classificou como "novidade muito grande para Farmanguinhos".

Em meio a toda essa complexidade, se puderam constatar, entretanto, momentos da mais pura emoção. E com o ASMQ não foi diferente. Tiveram as lágrimas da farmacêutica Alessandra Lifsitch Viçosa, também integrante do projeto FACT, ao receber a informação de que os primeiros testes, feitos na Ásia, há dois anos, com o remédio corresponderam à expectativa, tinham funcionado, como previsto pelos técnicos da Fiocruz.

Ou simplesmente o recordar da emoção pela qual foi tomado ao saber que uma mãe tailandesa, tendo o bebê ao colo, e alguns comprimidos na palma da mão direita, disse ao pesquisador, que fora lá "pegar mais um pouco de vida" para o filho, caso do também farmacêutico Jorge Mendonça, coordenador técnico do FACT.

"Em um momento daqueles, a gente é tomado por um sentimento forte de esperança", diz Mendonça. "Enquanto estamos dentro da fábrica, estamos envolvidos em rotinas, mas quando você vê uma pessoa feliz, com a possibilidade da reconquista do seu bem-estar, a sensação é de satisfação", completa.

Entretanto, para se chegar aos momentos emocionais, além do afinco dos pesquisadores e administradores, o desenvolvimento de um medicamento inovador também requer aporte de recursos vultosos. No caso do ASMQ, o financiamento, no valor de 8 milhões (equivalente a R$ 20 milhões), foi a parte que coube à União Européia.

Por enquanto, os sais – artesunato e mefloquina – usados na formulação do ASMQ, foram importados, respectivamente, da Alemanha e da Suíça. E uma nova partida de mefloquina será comprada em mãos de italianos. Mas, em breve, torce Mendonça, o Brasil terá condições de fazer todas as etapas no país, caso o complexo industrial da saúde, uma das meninas-dos-olhos do ministro Temporão vingue, condiciona o farmacêutico. "Se houver financiamento e outras condições adequadas, nós podemos fazer tudo aqui, sem dependência, pois cérebros é o que não faltam no Brasil", completa.

Tecnologia de produção será transferida para Índia e países da África

Além do fato de ter nascido em um laboratório público e também por ser fruto das parcerias que compõem a DNDi, uma entidade o novo medicamento contra malária, em breve, passará a ser produzido na Índia. Assim como será repassada à empresa indiana Cipla,

a tecnologia de produção do ASMQ será transferida aos africanos.

"Esta nova combinação em dose-fixa é um bem público desenvolvido para atender às necessidades dos pacientes: fácil de usar, mais acessível financeiramente, e de boa qualidade", diz o diretor-executivo da DNDi, Bernard Pecoul, entidade que teve como uma de suas origens a organização Médicos Sem Fronteiras. "O fato do ASMQ ser bem sucedido, com o desenvolvimento, o financiamento e a produção realizados por parceiros públicos no Brasil, Europa e Sudeste Asiático, como parte do projeto FACT de DNDi, revela uma forma alternativa para se desenvolver medicamentos para as doenças negligenciadas", diz Pecoul.

O primeiro país da África a receber a tecnologia será a Tanzânia. Para que o processo de transferência prossiga, aguarda-se que o conselho que regula a ética nas pesquisas na Tanzânia se pronuncie quanto à oportunidade de realização de testes sobre a tolerabilidade do ASMQ no povo daquele país.

Esses novos testes, explica Mendonça, terão que ser refeitos pois são antigos os resultados dos estudos que dão conta da ocorrência de efeitos colaterais severos à mefloquina entre alguns grupos de africanos, por conta da diferenciação de perfil genético.

Segundo Mendonça, o grupo de Farmanguinhos trabalha com a expectativa de que os novos estudos dêem sinal verde para a pílula azul brasileira. Pílula que concretiza um dos frutos do sonho tido, há cinco anos, em Genebra, quando pesquisadores da Fiocruz deram total apoio a essa parceria transcontinental contra as doenças negligenciadas e que atende pela sigla de DNDi.

De Manguinhos para o mundo: deu no *New York Times*

A notícia do lançamento do novo medicamento contra a malária foi publicada nos mais importantes diários do mundo, a começar pelo prestigioso *New York Times*. Também saiu no *Washington Post* e na revista que é tida como bíblia da economia mundial, a não menos conceituada *The Economist*.

Embora tenha sido feito no auditório do Museu da Vida, no *campus* de Manguinhos, Zona Norte do Rio, as informações sobre o lançamento do ASMQ foram distribuídas, mundialmente, pelas assessorias de imprensa da Fiocruz e da DNDi. A da Fiocruz ficou responsável por informar a imprensa brasileira e a da DNDi pelos veículos dos países da Europa.

EXTRA • Sexta-feira 18 de abril de 2008

A PREÇO DE CUSTO

Brasil lança droga contra a malária

Novo remédio facilitará o tratamento da doença

Fiocruz lança novo tratamento contra malária

Droga combina duas substâncias num único comprimido e simplifica o controle da doença

MALÁRIA

Novo remédio encurta tratamento

Pílulas lançadas pela Fiocruz são mais eficazes contra parasita que ataca brasileiros

SAÚDE

Fiocruz lança remédio contra a malária

FELIPE WERNECK
DA SUCEM ESTADO

O presidente da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), Paulo Buss, fez críticas nesta quinta-feira à indústria farmacêutica, em discurso no lançamento de um novo medicamento contra malária produzido pelo Farmanguinhos, laboratório vinculado à Fiocruz. "Como é doença de pobre, muitas vezes a grande indústria não tem interesse de pesquisar (novas drogas), porque pobre não tem dinheiro para comprar remédio", afirmou Buss.

Segundo ele, a malária ameaça 3 bilhões de pessoas no mundo, causando cerca de 1,5 milhão de mortes por ano. O medicamento ASMQ, um pequeno comprimido azul, é uma nova formulação em dose fixa da combinação de artesunato (AS) e mefloquina (MQ). Foi resultado de uma parceria da Fiocruz/Farmanguinhos com a organização Medicamentos Para Doenças Negligenciadas.

"A malária acomete principalmente pessoas simples, muitas pessoas ligadas ao movimento dos sem-terra, de assentamentos. Quanto custa o sofrimento das pessoas? Elas vão ser de imediato beneficiadas por esse produto, que será introduzido na rede, com distribuição gratuita. Para a questão da internação, que diminui rapidamente e vai gerar economia para o País", declarou o coordenador do Programa Nacional de Controle da Malária, José Lázaro Ladislau.

Segundo a Fiocruz, o ASMQ simplifica o tratamento porque garante que os dois medicamentos sejam tomados juntos e na proporção correta, com uma dose diária de um a dois comprimidos por três dias. Há comprimidos específicos para crianças, principais vítimas da malária. O desenvolvimento da droga custou 7,6 milhões de euros, financiados pela União Européia e outras organizações

MEDICAMENTOS

Lançado remédio para malária a preço de custo

Para Fiocruz, 'doença de pobre' é negligenciada